

A INFÂNCIA NA CIDADE: RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO E TEMPO EM NARRATIVAS ANGOLANAS

Paula de Oliveira CORTINES
Universidade Federal de Goiás
paulacortines@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações entre o espaço – a cidade – e o tempo – a infância – nos contos que compõem os livros *A cidade e a infância* (1960, 2007), de Luandino Vieira e *Os da minha rua* (2007), de Ondjaki, ambos escritores angolanos, pertencentes a gerações diferentes. Por meio de um estudo comparativo das referidas obras, e amparando-nos em referencial teórico composto pelas idéias de Rita Chaves (2005) e Tania Macêdo (2008), principalmente, buscou-se demonstrar o entrelaçamento entre cidade e infância a partir das lembranças desta época da vida, presentes nos contos. Se o espaço predominante nos contos é a cidade de Luanda, com seus musseques, seus caminhos de areia e de asfalto ou o mausoléu do Presidente Agostinho Neto, o tempo é a infância, que surge nas lembranças dos narradores, sempre marcadas pela presença da cidade.

Palavras-chave: Angola; infância; Luanda; Luandino; Ondjaki.

1 Introdução

Luandino Vieira é um escritor angolano nascido em Portugal, em 1935, mas que cresceu nos musseques de Luanda. Profundamente envolvido com a causa da Independência, só conquistada a novembro de 1975, frequentou a Casa dos Estudantes do Império e fez parte dos movimentos de luta pela libertação de Angola, em virtude do que foi preso pela PIDE por duas vezes. *A cidade e a infância* (1960) é seu primeiro livro, e seus dez contos foram escritos durante a década de 1950, período do movimento *Vamos descobrir Angola!*, cujos participantes ficaram conhecidos como *Geração de 50*.

Ondjaki é um jovem escritor e sociólogo angolano, nascido em 1977, em Luanda. A Angola de Ondjaki já não está mais sob domínio português, sendo um país socialista, apoiado pelos governos de Cuba e da URSS, e que desde o ano de sua Independência passa a viver o drama da guerra civil (1975-2002), cuja duração foi de 27 anos. Ondjaki nasce, portanto, em plena Guerra Civil Angolana e é esse o tempo de sua infância, período da vida retratado nos 22 contos que compõem o livro *Os da minha rua* (2007).

Esses dois escritores, separados pelo tempo e pertencentes a gerações diferentes, carregam, em comum, a temática da infância em suas obras. Logo, o que une esses dois livros, de tempos tão distintos, é o fato de que ambos os escritores tematizaram em seus contos esse período da infância, ou da infância vivida na cidade. O espaço onde os contos se desenvolvem é a cidade de Luanda e o tempo é a infância, vivida nesta mesma cidade, mas em momentos diferentes da história de Angola.

2 O tempo da infância e o espaço de Luanda

A presença da temática da infância na literatura angolana é constante e o estudo comparado da representação da mesma em narrativas de escritores angolanos de diferentes gerações possibilita a compreensão de dois momentos complexos da história de Angola, atenuados pelas personagens infantis, através da literatura.

Desde o movimento dos Novos Intelectuais de Angola a infância já ocupava papel de destaque, como nos informa Carlos Ervedosa (s/d). Para ele as obras dos escritores deste período estão repletas de evocações à infância, em associação a sentimentos de amor à terra natal e de saudades do tempo da infância e do espaço onde ela se desenvolveu – a cidade.

Para Rita Chaves (2005), no processo de configuração da literatura angolana como instrumento da luta de libertação e da afirmação da identidade angolana, a necessidade de estabelecer o passado, o período anterior à colonização, como o tempo ideal ao qual se deveria regressar, foi responsável pela utilização de imagens e símbolos associados à natureza e a formas de cultura popular: a mulemba, o imbondeiro, as frutas da terra, as músicas, as danças e a infância. Esta última liga-se à noção de passado pelo fato de que é o período da vida em que a exclusão social se revela atenuada. Assim,

Para além da referência ao estreito contato com a mãe, matriz primordial na literatura de Angola, seja a própria, seja como metonímia da terra africana, o universo infantil é retomado como um mundo em comunhão, onde o código da cisão não tinha se projetado (CHAVES, 2005, p. 49).

Laura Padilha (2007) afirma que, para redescobrir o cotidiano do povo angolano em todos os seus meandros, os textos ficcionais modernos buscaram representações simbólicas que evidenciam a confiança no futuro. Para a professora, o fio temático da infância destaca-se entre essas representações, representando tanto o “passado perdido” quanto a possibilidade de se construir o “futuro sonhado”. Em referência ao passado, essa infância retoma um tempo de prazer, em que as diferenças de classe e raça não se sobressaíam. Ao estabelecer-se como metáfora do futuro, a infância representa a confiança na reconstrução do passado e no pacto da transformação das estruturas políticas e sociais.

A importância das personagens infantis na literatura angolana deve-se ao fato de que, através delas, pode-se entender e exemplificar as dinâmicas sociais ocorridas na sociedade angolana, em meio século. Para a professora Tania Macêdo,

Se a cidade de Luanda é o espaço privilegiado trilhado pela maioria dos textos ficcionais angolanos no pré e pós-independência, talvez poucas personagens possam exemplificar as transformações pelas quais passou o país e a literatura de Angola nos últimos cinquenta anos como as infantis, na medida em que as várias denominações que elas recebem são o indício dessas modificações, assim como a sua configuração, que indica novas formas de narrar. (MACÊDO, 2007, p.358).

Como exposto na citação de Tania Macêdo, Luanda é o espaço privilegiado da literatura angolana, seja no pré ou no pós-independência. Para a estudiosa, “Luanda, em sua multiplicidade é, também, e talvez mesmo pelas contradições que a percorrem, a imagem símbolo de Angola” (MACÊDO, 2008, p.13).

A importância do espaço urbano, particularmente do espaço de Luanda, na literatura angolana também é explicitada por Salvato Trigo (1980), para quem as literaturas africanas de expressão portuguesa são um fenômeno do urbanismo colonial, pois nasceram do conflito humano e cultural do musseque com a cidade. Já para a professora Laura Padilha a cidade de Luanda é “o lócus privilegiado da ficção contemporânea” da literatura angolana, de modo que “os textos revelam prazer especial em exaltar seu fascínio, no deliberado empenho de recuperá-la mitopoeticamente” (PADILHA, 2002, p. 27).

Juntos, o tempo da infância e o espaço da cidade, transformam-se em um *cronotopo*, termo estabelecido por Mikhail Bakhtin (2010), significando tempo-espaço, e correspondendo, em literatura, ao processo de assimilação do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real neles revelado. O termo *cronotopo* estabelece a indissolubilidade de espaço e de tempo, configura o “tempo como a quarta dimensão do espaço” (BAKHTIN, 2010, p. 211) e gera um todo “compreensivo e concreto”, como percebemos nas palavras de Bakhtin:

Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 2010, p. 211).

3 A cidade e a infância

A obra de Luandino Vieira tem, como espaço predominante, a cidade de Luanda que, além de ser o espaço geográfico, é local de mescla, e também de ruptura. Pelos becos dos musseques da cidade transitam os personagens criados pelo escritor, que são, majoritariamente, personagens que estão à margem da sociedade, como nos informa a professora Rita Chaves:

Pelas ruas que ele desenha circulam os trabalhadores explorados, sapateiros, alfaiates, quitandeiras, vendedores de loteria, representantes da população pobre da periferia de Luanda (...) os malandros, os desempregados, os pequenos ladrões, pobres diabos que usam o expediente, para escapar à fome de cada dia. A esses vem juntar-se as mulheres e as crianças, personagens atuantes, às vezes decisivos nos enredos com que tematiza a vida dos musseques (CHAVES, 2005, p.29).

Já no início do livro encontramos, na dedicatória, a referência a esse tempo e esse espaço primordiais: *Para ti LUANDA / Para vocês COMPANHEIROS DE INFÂNCIA*. Os contos de *A cidade e a infância*, a maioria narrados em 3ª pessoa, apresentam uma infância definitivamente ligada à cidade e que remete às lembranças da mesma.

Os contos do livro, exceto o último, *Companheiros*, cuja ação se desenrola na cidade de Nova Lisboa, têm como espaço a cidade de Luanda, em um tempo de diferenças, preconceitos e injustiças, mas anterior à guerra pela independência do país, sendo, portanto, um tempo também de liberdade e de boas lembranças. É o tempo descrito no conto *O nascer do sol*:

Naquele tempo já os meninos iam para a escola, lavados, na manhã lavada, de meias altas de escocês e sacolas de juta.

Era o tempo dos catetes no capim e das fogueiras no cacimbo. Das celestes e viúvas em gaiolas de bordão à porta de casas de pau-a-pique. As buganvílias floriam e havia no céu um azul tão arrogante que não se podia olhar.

Era o tempo da paz e do silêncio entre cubatas à sombra de mulembas. (VIEIRA, 2007, p.29).

Este conto narra as aventuras de um grupo de amigos que, após a passagem de tempo descrita poeticamente, “Mas o Sol nasceu várias vezes e as goiabas amadureceram nos quintais. As buganvílias refloriram. Buços mal desenhados apareceram sobre os lábios dos mais velhos” (VIEIRA, 2007, p. 31), se deparam com a chegada da menina da bicicleta, com os sentimentos que ela desperta e com as mudanças que ela provoca na rotina de todos eles.

No conto que dá nome ao livro, *A cidade e a infância*, descortina-se a transformação de um menino em adulto. Em seu período de doença e seus momentos de delírio febril, ele relembra os momentos da infância e as pessoas que passaram por ela, os musseques do Makulusu e do Braga, onde viveu, as pipas e “os sonhos de papel de seda” que já não existem mais, as matinês no cinema, as histórias contadas pelo pai. Os espaços da cidade e da infância surgem em sua memória:

Moravam numa casa de blocos nus com telhado de zinco. Eles, a mãe, o pai, e a irmã que já andava na escola. Aos domingos havia o leilão debaixo da mulemba grande, ao lado da fábrica de sabão e gasosas.

Hoje muitos edifícios foram construídos. As casas de pau-a-pique- e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento, a areia vermelha coberta pelo asfalto negro e a rua deixou de ser a Rua do Lima. Deram-lhe outro nome.

(...)

Ali cresceram as crianças. Ali o pai arranhou o dinheiro com que anos mais tarde, já eles andavam na escola, comprou a casa no musseque Braga. Casa de zinco com grande quintal de goiabeiras e mamoeiros. Laranjeiras e limoeiros. Muita água. Rodeado de cubatas, capim e piteiras, era assim o musseque Braga, onde hoje fica o luminoso e limpo Bairro do Café”. (VIEIRA, 2007, p.49).

Aqui, as lembranças doem, assim como doem os pulmões, por causa da doença: “São feridas que lhe doem, feridas de celulóide, que não cicatrizam mais” (VIEIRA, 2007, p.55). Neste conto está a única menção à guerra, palavra lida, com a ajuda do pai, nas páginas de um jornal. Pelo filtro de sua memória vão passando imagens e momentos da infância:

Livres ao sol, nus da cintura para cima e dos joelhos para baixo, correndo aquele mundo deles que hoje tratores vão alisando e alicerces vão desventrando, para onde desce o Bairro do Café, sucessor moderno daquele Braga da infância de todos eles.

Três semanas passadas e o médico já não vem.

Viu a morte diante dele muito tempo. No delírio febril tudo lhe veio à memória. Tudo tinha cor e vida. Agora eram apenas recordações baças, bonecos desarticulados, mexendo-se no vácuo da imaginação.

Fizera-se homem.

A infância aparecia diluída numa cidade de casas de pau-a-pique, zinco e luandos, à sombra de frescas mulembas onde negras lavavam a roupa e à noite se entregavam. (VIEIRA, 2007, p.58).

A guerra não surge ameaçadora, mas as mudanças da cidade transparecem no trecho acima descrito. Os espaços da infância vão cedendo lugar a novas construções, a novas formas da cidade.

A diferença entre brancos e negros, e a distância que pode surgir entre companheiros de infância é um dos temas presentes nos contos do livro. O conto *A fronteira do asfalto* narra a amizade de uma menina branca, Marina, e um menino negro, Ricardo, que, ao alcançarem a juventude devem afastar-se pois, segundo as convenções sociais e o racismo vigente, a amizade entre eles só poderia existir durante a infância. Entre Marina e Ricardo, além da diferença de cor, existia, ainda, a fronteira do asfalto, a dividir o mundo ao qual cada um pertencia. Após perguntar a Marina se ela se lembrava da infância deles, Ricardo

Virou os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra de mulembas. As ruas de areia eram sinuosas. Uma tênue nuvem de poeira que o vento levantava cobria tudo. A casa dele ficava no fundo. Via-se do sítio onde estava. Amarela. Duas portas, três janelas. Um cercado de aduelas e arcos de barril. (VIEIRA, 2007, p. 40).

A conversa tensa entre as personagens, relebrando os momentos de amizade e companheirismo durante a infância, os faz perceberem a diferença racial e social que existe e que agora, em outro tempo, os obriga a se distanciarem. O desfecho trágico do conto encerra a impossibilidade de retorno ao tempo anterior à fronteira do asfalto, ao tempo da infância, que permitia a amizade entre Marina e Ricardo.

No primeiro conto do livro *Encontro de acaso*, testemunhamos o encontro do narrador com um companheiro de infância que, segundo o primeiro “despertava em mim todas as imagens da minha infância” (VIEIRA, 2007, p. 14) e percebemos a distância que a vida impôs a esses dois personagens, expressa nas palavras do próprio narrador:

A vida separou-nos. Cada um com a sua cela nesta imensa prisão. Não éramos mais os cavaleiros da Grande Floresta. Uns continuaram a estudar. Outros trabalham. Ele não continuou a estudar. Mais tarde soube que tinha tentado ir clandestinamente para a América, dentro de um barril, mas que fora descoberto perto de Matadi. (VIEIRA, 2007, p. 12).

Neste conto, surgem novamente referências às mudanças ocorridas na cidade de Luanda e o fato de que o fenômeno da urbanização destruiu lugares importantes da infância das personagens, como a Grande Floresta e o clube Kinaxixi. Além disso, transparece, nas palavras do narrador, a dor de não se poder voltar àquele tempo, ao rememorar as brincadeiras da infância:

Como são dolorosas as recordações! Oh, quem me dera outra vez mergulhar o corpo na água suja e ter a alma limpa como nos tempos em que ele, eu, o Mimi, o Fernando Silva, o João Maluco, o Margaret e tantos outros, éramos os reis da Grande Floresta.

Mas tudo se modificou e só a ferida feita pela memória persiste ainda. (VIEIRA, 2007, p.12).

Dessa forma, em *A cidade e a infância*, é possível perceber, mesmo sem a presença constante e ameaçadora da guerra, indícios do sistema colonial, das divisões que ele provocou e dos sonhos que ele destruiu. A contraposição do tempo passado, o tempo do narrado, ao tempo presente configura, para a professora Tania Macêdo, a “evocação de um tempo mais feliz e não necessariamente de um sentimento saudosista, simplesmente” (MACÊDO, 2008, p.117). Busca-se expôr o que era e já não é, devido às injustiças e às mudanças que ocorrem na cidade de Luanda e na sociedade angolana.

4 Os da minha rua

Os contos de *Os da minha rua* são narrados pela mesma personagem, o menino Ndalu, e carregam em si as memórias afetivas da infância e da passagem para a adolescência. É por meio da personagem principal que percebemos as mudanças que ocorrem em Angola. *Os da minha rua*, assim como *A cidade e a infância*, é dedicado às pessoas que transitam pelos contos e que fazem parte das memórias apresentadas.

Ainda que o momento do narrado seja o período em que Angola vivia a guerra civil, as referências ao conflito são escassas e sutis. De qualquer forma, as referências históricas estão presentes, quando se menciona o nome do escritor Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola, quando se fala do socialismo, dos cartões de abastecimento, dos desfiles de 1º de maio, ou quando se relembra a festa de celebração pela saída dos sul-africanos que ocupavam Angola.

O espaço primordial dos contos é, também, a cidade de Luanda, em especial o bairro da Praia do Bispo, local onde moravam as avós da personagem e onde se situa o Mausoléu do Presidente Agostinho Neto, que estava sendo construído. No entanto, é possível perceber nestes contos, além da ambientação da cidade, a ambientação de lugares que fazem parte das lembranças da infância. Por terem como narrador e personagem principal a mesma personagem, os contos de *Os da minha rua*, estabelecem uma continuidade, em que as memórias da infância surgem uma após a outra.

Os contos têm a linguagem marcada pela oralidade e pela poesia e são permeados por pequenos detalhes, como a lembrança da “mão enrugadinha da avó Catarina” (ONDJAKI, 2007, p. 64), o fato de que o tio Joaquim, sempre silencioso, deu banho ao cão Kazukuta e “falou palavras tranquilas num kimbundu assim com cheiros da infância dele” (ONDJAKI, 2007, p. 28), ou a lembrança do Tio Victor, que contava que em Benguela existia uma piscina de coca-cola com cantos de chuinga e chocolate” (ONDJAKI, 2007, p.69).

Os fatos do cotidiano de Angola e de Luanda vão surgindo, pela voz e pelos olhos do menino Ndalú. No conto *A televisão mais bonita do mundo* ele relembra o dia em que viu, pela primeira vez, uma televisão a cores, e diz: “Nessa altura, em Luanda, não apareciam muitos brinquedos nem coisas assim novas. Então nós, as crianças, tínhamos sempre o radar ligado para qualquer coisa nova” (ONDJAKI, 2007, p. 24).

O preconceito racial também é apresentado em *Os da minha rua*, no conto *Jerri Quan e os beijinhos na boca*. No entanto, aqui, o preconceito não tem efeitos trágicos, sendo observado pela curiosidade infantil:

Eu não conseguia entender aquilo muito bem mas parece que o pai da Irene não gostava que ela desse beijinhos na boca do Mateus. Ouvi dizer que o pai dela não gostava de negro, eu até via muitos negros lá na casa dele a beberem e comerem com ele e todos a rirem juntos. Não sei. Se calhar um rapaz negro a dar beijinhos na boca da Irene já era uma coisa diferente. (ONDJAKI, 2007, p. 31).

A passagem do tempo vista pelos olhos da criança é descortinada no conto *O último carnaval da vitória*, que narra a comemoração da saída dos sul-africanos de Angola:

A vida às vezes é como um jogo brincado na rua: estamos no último minuto de uma brincadeira bem quente e não sabemos que a qualquer momento pode chegar um mais-velho a avisar que a brincadeira já acabou e está na hora de jantar. A vida afinal acontece muito de repente – nunca ninguém nos avisou que aquele era mesmo o último Carnaval da Vitória.

O carnaval também chegava sempre de repente. Nós, as crianças, vivíamos num tempo fora do tempo, sem nunca sabermos dos calendários de verdade. Para nós segunda-feira era um dia de começar a semana de aulas e sexta-feira significava que íamos ter dois dias sem aula. (ONDJAKI, 2007, p.59).

Apesar dessa noção diferenciada do tempo, o menino afirma que o carnaval, quando acontecia, “era um dia rápido, porque os dias mágicos passam depressa deixando marcas fundas na nossa memória, que alguns chamam também de coração” (ONDJAKI, 2007, p.60). Essa mesma noção do tempo também aparece no conto *Os quedes vermelhos da Tchi*, que narra o comício no Largo 1º de maio: “É um bocadinho assustador, mas mesmo quando somos crianças o antigamente já fica lá longe” (ONDJAKI, 2007, p.73).

Nos contos *O homem mais magro de Luanda* e *O portão da casa da tia Rosa*, o espaço da casa da tia Rosa e do tio Chico, personagens constantes ao longo dos contos, é evidenciado como um dos lugares marcantes da infância do narrador. No primeiro conto ele afirma que “Durante muitos anos, para mim o mundo teve o cheiro daquele quintal maluco: as cervejas, as comidas e as mãos da tia Rosa a emprestarem cheiros de cozinha aos meus cabelos despenteados” (ONDJAKI, 2007, p.56).

Já no segundo conto, por um motivo não explicitado, percebemos a perda da tia Rosa e do tio Chico, e a angústia mescla-se à inocência infantil na descrição do momento de partir, de deixar a casa onde vivera tantos momentos marcantes:

Tive que sair. Não me apetecia sair dali, de uma das casas da minha infância de tantas brincadeiras. Mas não me apetecia estar ali sem a tia Rosa e sem o tio Chico. Olhei o pequeno lago quase na saída, e também não vi os cágados. Nem vozes, nem barulhos de vizinhança. Nada. (ONDJAKI, 2007, p.98).

O espaço da escola surge em alguns contos, como *Um pingo de chuva* e *Nós matamos o cão tihoso*. O primeiro narra o contato com os professores cubanos, que lecionavam em Angola devido à cooperação entre os dois países, e a despedida dos professores Ángel e María, que precisavam voltar para seu país: “Nas despedidas acontece isso: a ternura toca a alegria, a alegria traz uma saudade quase triste, a saudade semeia lágrimas, e nós, as crianças, não sabemos arrumar essas coisas dentro do nosso coração” (ONDJAKI, 2007, p.122). No conto *Nós choramos pelo cão tihoso*, Ndalú lê o conto *Nós matamos o cão tihoso*, do escritor moçambicano Luis Bernardo Honwana, junto com sua turma, quase sem conseguir

segurar as lágrimas. A tensão no conto é crescente, sendo demonstrada até mesmo na mudança do tempo, com o aparecimento de nuvens escuras e pesadas.

O último conto do livro, *Palavras para o velho abacateiro*, descortina a passagem da infância para a idade adulta e o momento em que o narrador se dá conta desse fato, ao decidir deixar a casa dos pais para estudar em outro país. Essa descoberta é descrita de forma extremamente emotiva:

(...) senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância. (ONDJAKI, 2007, p.145).

Conclusões

A cidade e a infância e *Os da minha rua* apresentam a cidade e a infância como um *cronotopo*, sendo impossível a dissociação dessas instâncias. Nos contos que compõem os dois livros não há possibilidade de separar o tempo e o espaço, a cidade e a infância, pois aquele tempo foi vivido naquele espaço. Cremos que, mesmo se houvesse a possibilidade real de se voltar no tempo, de se voltar ao tempo da infância, ela não seria a mesma, pois a cidade já se modificou.

Assim, refletindo sobre a escrita dos dois escritores, podemos dizer que representação da infância nos dois livros, ocorre diferentemente. A representação da infância de Ondjaki não é engajada como a representação da infância de Luandino. Para o primeiro a infância é leve e se mantém afastada ao máximo dos conflitos e dos problemas sociais. Para Luandino Vieira a infância é uma forma de expressão e de resistência, de crítica ao modelo colonial e de suas conseqüências.

Comum aos dois escritores há a representação da infância como uma época feliz, mesmo que vivida durante períodos difíceis, e o fato de que as obras refletem seus momentos de produção. Concluímos com as palavras de Benjamin Abdalla Júnior, sobre o papel do escritor na sociedade angolana:

A “tarefa” do escritor, dentro da sociedade angolana, seria assim de construir um objeto literário que deve propiciar ao “povo” não aquilo que ele já conhece, mas sobretudo uma sua compreensão mais profunda: a obra de arte como processo de re-conhecimento sociocultural. (ABDALA JÚNIOR, 2007, p.108).

Referências bibliográficas

ABDALA JR., Benjamin. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, s/d.

MACÊDO, Tania. Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane. (Org.). *A kinda e a misanga – encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007, pp. 357-373.

_____. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora Unesp; Luanda: Nzila, 2008.

PADILHA, Laura. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Ficção e guerra angolana: a perda da inocência. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane. (Org.). *A kinda e a misanga – encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007, pp. 55-61.

ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

TRIGO, Salvato. *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa: Vega, 1985.

VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.